

LOVE, VICTOR E SUAS INCLUSÕES DENTRO DA TEMÁTICA LGBTQI+

Flavio Herbert Sampaio Benevides¹

Natália Pinto Costa²

RESUMO

O presente texto tem o objetivo de discorrer sobre a série *Love, Victor*, produção estadunidense, e os paradigmas postos em xeque nessa produção ao elencar como protagonista um personagem latino que explora sua sexualidade durante o ensino médio. Além de pontuar como as produções audiovisuais retratam questões sociais e trabalham temas como visibilidade do mundo LGBTQI+, religiosidade e etnia, incluindo, aos poucos, a diversidade cultural no debate cotidiano.

*

A discussão sobre o papel social da teledramaturgia não é nova. A arte nas suas diversas manifestações, propositalmente ou não, democratiza os dramas por ela representados, ou seja, insere diversas realidades para um público que é multifacetado. Contudo, ultimamente esse viés inclusivo se tornou bem mais evidente. A simples inserção de personagens terciários, com estereótipos que fogem do esperado pela branquitude, que sejam personagens brancos e cis, para o cenário televisivo não era mais suficiente. O público almejava por representatividade com protagonismo e, assim, ao longo dos anos, as então chamadas *minorias* paulatinamente ganharam espaços de destaque.

A série *Love, Victor* (2020) – produção derivada do filme *Love, Simon* (2018), inspirado no livro de Becky Albertalli, *Simon vs. The Homo Sapiens Agenda* (2015) – ilustra bem esse cenário. Ressalta-se que o ano é 2020 e inúmeras séries e filmes já abarcaram pretensões similares, mas o que se destaca em *Love, Victor* é o fato de ter sido criada, categoricamente, para

¹ Pós-graduando em Direito e Processo Penal (EBRADI). Email: flaviobenevides.adv@hotmail.com

² Pós-graduada em Direito e Processo Penal (UNICHRISTUS). Email: nataliapinto@edu.unifor.br

ilustrar uma nova versão retratada no filme *Love, Simon*. Sucintamente, em *Love, Simon*, o protagonismo é de um personagem que se encaixa em todos os padrões impostos pela branquitude, porém, com problemas para aceitar sua orientação sexual. Frisa-se que o ambiente do personagem Simon é composto por família e amigos que retratam bem o estereótipo americano. Já em *Love, Victor* o cenário é outro. Embora também trate da mesma conturbada fase de descoberta e aceitação da sexualidade, há a tentativa de retratar um contexto mais complexo, mostrando uma família latina, religiosa e um tanto dogmática. É certo que os dilemas se diferenciam e acabam delineando uma nova realidade onde oferta-se ao público uma tenra oportunidade de representação.

Averigua-se uma ruptura do padrão televisivo americano para propiciar uma representação diversa dentro da comunidade LGBTQI+. Rompem-se as barreiras da branquitude norte-americana de Simon na reformatação da narrativa em um ambiente latino. Enredo que instiga o telespectador. Segundo o crítico Stephen Adubato, na revista *America* – traduzido por Moisés Sbardelotto – (2020, online) “levanta questões importantes sobre como o desejo pelo mesmo sexo é construído no cruzamento das brechas socioeconômicas, religiosas e étnicas”. Sabe-se que a orientação sexual não escolhe padrões de nacionalidade, gênero ou classe, então se entende a necessidade do público que essa temática seja abordada em diversos outros aspectos, que incluam corpos que rompam com o padrão hegemônico branco, europeu ou americano.

A problemática da inclusão e representatividade se estende por toda indústria cinematográfica. Por ser o cerne das grandes produções midiáticas, os Estados Unidos é um importante parâmetro para estudos que comprovam essa questão. Segundo a jornalista Marília Mara Sciulo (2020, online), – com bases no estudo da professora Smith – pesquisas apontam que, entre o ano de 2014 e 2015, somente 33,5% dos papéis com falas eram de mulheres e 28,3% de pessoas não caucasianas. A atualização desses dados em 2019 – pela Universidade da Califórnia, em Los Angeles – já indica significativo aumento de papéis ofertados as *minorias*, de 13,9% para 19,8% nas produções de 2016 a 2017. Esse movimento sempre ocorreu de forma paulatina, contudo, nesse último período, observa-se um expressivo impulso.

Conforme o entendimento de Roberta de Souza (2019, *online*), “A questão do pertencimento se torna uma dificuldade quando, em todo lugar para onde você olha, só há uma cor representada, um tipo de cabelo e um único tipo de corpo”. Diante disso, a necessidade pela diversidade nas mídias ganha realce nas produções televisivas, visto que estas têm um grande alcance. Daí a importância dos programas televisivos se preocuparem com essa representatividade, seja ela no que tange a etnia, a religiosidade, ao gênero ou à sexualidade.

Uma questão relevante é que na série *Love, Victor* a pluralidade temática esbarra na subjetividade do telespectador. Inúmeras indagações são feitas no decorrer da narrativa da série. Tendo em vista ser um produto consumido de forma rápida e direcionada ao público infanto-juvenil, a série explora vários temas considerados densos de uma forma sutil. Isso significa que nem todos os temas conseguem ser abordados com a profundidade que merecem. Para o enriquecimento categórico das produções midiáticas, no que tange a diversidade cultural, necessita-se de uma coerência, uma coesão e nem sempre se consegue retratar culturas tão díspares e ricas de forma contundente.

Nota-se que séries, musicais e outros tipos de produções audiovisuais, principalmente dentro dos ambientes televisivos, são capturados pelo capitalismo e se transformam, principalmente em produtos dentro da economia do consumo. Sabe-se que toda produção desse porte carrega consigo uma indústria de patrocínios e a busca incessante por reconhecimento, seja com desprezíveis premiações, seja com consideráveis índices de audiência. Desta forma, não se a falta de êxito na exploração de temas como estes decorre de uma falta de suporte técnico ou de uma escolha propositada para transformar o produto em algo mais vendável.

Ainda sobre o espectro de Stephen Adubato (2020, *online*), a série peca no enfoque e até confunde o telespectador com a superficialidade dos temas retratados. Não há espaço para o engrandecimento da identidade latina e apresenta certa visão americanizada desta. Mistura características de diversos territórios com cultura latina – como México, Porto Rico – mesmo que esteja explícito que o núcleo familiar tem origem na Colômbia. Uma visão um tanto racista e ambígua que engloba todos

os países da América Latina dentro de um só contexto e indica a falta de apreço do produtor pela distinção entre as culturas caribenha, centro-americana e sul-americana.

Love, Victor é a primeira série da *Disney* a retratar a temática LGBTQI+, e conta essa narrativa sob um prisma que aborda também a latinidade. O protagonista principal tem, sobre si, diversos temas atravessados, seja em razão da sua ascendência latina, da sua classe social, ou sua sexualidade. A série revela também a importância de uma rede de apoio e de pertencimento. Isto fica bem claro nas diversas vezes em que ele envia mensagens para Simon na tentativa de compreender o processo pelo qual ele está passando. E este, já pertencendo a um grupo em Nova Iorque, troca experiências com outros membros com vivências semelhantes à de Victor para proporcionar uma ajuda de forma eficaz, já que Simon assume não ter vivido os mesmos dilemas.

(Re)pensar todos os discursos inclusivos nas reproduções audiovisuais deve ser, também, pensar nas formas múltiplas de ser e existir no mundo. Por consequência, ainda que em modestos passos, é importante que este tipo de representação aconteça no *mainstream*, nas grandes produções que atingem as massas. Por meio destas obras é possível contrastar novas e velhas realidades, onde os diálogos são estabelecidos respeitando os diversos contextos socioculturais.

Além da inserção dos diálogos, no decorrer da narrativa da série, observa-se ainda duas possíveis inclusões que podem derivar da representatividade que concerne o debate da discriminação (ALMEIDA, 2018). Quais sejam: propiciar a abertura de um espaço político para que as reivindicações das minorias possam ser repercutidas; e quebrar com paradigmas que posicionam as minorias sempre em locais subalternos. O que poderá, inclusive, levar as partes integrantes destes grupos a questionarem o seu protagonismo e o local social que a eles é destinado.

A mídia – e aqui se fala no seu sentido mais amplo possível – tem o poder de construir estereótipos, bem como rompê-los e de criar imaginários. Além de ser uma articuladora do senso comum que corrobora com processos que podem ser estigmatizantes. Apesar de aparentar ser uma simples obra audiovisual, quando se colocam lentes mais críticas, nota-se que estas produções podem ser também, formas de ponderar as

representações sociais (BECKER, 2009). Ainda nesta perspectiva, quando se relaciona diversidade cultural e democracia, tema deste Boletim em específico, vê-se que é importante pontuar que democracia não é apenas uma forma de governo, é uma construção de um sistema de direitos, do qual a igualdade é um dos princípios basilares.

Correlacionando com mais apreço, quando se pensa nas representações culturais de grandes emissoras de televisão, de uma maneira geral, constata-se que a temática LGBTQI + é sempre colocada como um recorte especial ou algo do gênero. Entretanto, pensar sobre a diversidade é incluir diversos corpos, sotaques e orientações sexuais. É de suma importância colocar os debates fora de padrões hegemônicos. Deve-se entender que a igualdade, que a democracia preleciona, é no sentido de que, apesar das diferenças, existem direitos fundamentais inerente a todos.

Então, ainda que pareça sutil pensar nesse enredo, se levarmos em consideração os pensamentos de Biroli (2011), que mostra que uma grande parte da população terá contato com determinados assuntos somente em decorrência do consumo midiático, conclui-se que a mídia vai deter o poder de potencializar discursos, bordões, sentimentos e problemáticas. É possível perceber, portanto, que uma parcela da população, que não tem acesso a discussões sobre orientação sexual e sexualidade em seu cotidiano, a partir de séries e derivados, conseguirá enxergar como a temática, que parece ser de um âmbito privado, tem repercussões políticas, coletivas e socioculturais.

Sabe-se que existem diversas outras realidades que não são abrangidas na série *Love, Victor*, porém é importante que sejam investidos mais recursos para que outras produções tenham roteiros, personagens e enredos que representem as diversidades do mundo, sejam de gênero, de classes, étnicas ou religiosas. Além de mais atores que representem esses segmentos e que estes estejam incluídos nos processos criativos ou nas direções de arte do mercado audiovisual. Assim dizendo, a série aqui retratada é um ponto de partida para a reflexão sobre como incluir os debates a respeito da sexualidade de maneira saudável e inclusiva em espaços ocupados por adolescentes que se considerem enquadrados em alguma forma de minoria. Frisa-se, mais uma vez, que a série retrata apenas um recorte específico.

Em síntese, conclui-se que a arte, em *Lato sensu*, tem um papel primordial na transformação de uma sociedade tão enraizada de costumes e dogmas. É de extrema importância todo e qualquer tipo de representatividade, seja ela racial, étnica e até mesmo sexual. Esta deve sempre ser retratada com muito respeito e responsabilidade para propiciar um cenário de edificação e para abrir espaços de discussão por avanços para aqueles que acabam configurando estas experiências em suas vidas. Sabe-se que muitas barreiras ainda precisam ser quebradas. Muitos papéis e muitas realidades ainda precisam ser retratados de forma sensível, real e coerente. Hoje, graças à acessibilidade e as redes de um mundo globalizado, a evolução da arte não ocorre tão vagarosa. Compete assim ao consumidor dessa arte, os telespectadores, clamar, cada vez mais, por realidades que os retratem e lhes tragam a empatia que será exercida durante as árduas vivências de um cotidiano e, assim, ampliar a diversidade cultural. Todavia aos poucos se comemora esse tipo de inserção e é necessário que todos estes debates sejam retratados em outros formatos de arte.

REFERÊNCIAS

ADUBATO, Stephen. "Love, Victor": nova série mostra como conjugar identidades sexuais, culturais e religiosas. **Revista Ihu**, São Leopoldo/rs, n. 546, p. 1-1, 17 ago. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/601929-love-victor-nova-serie-mostra-como-conjugar-identidades-sexuais-culturais-e-religiosas>>. Acesso em: 01 set. 2020.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é o racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BECKER, Howard. **Falando da sociedade:** ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

BIROLI, F. Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 6, p. 71-98, 16 dez. 2011.

SCIULO, Marília Mara. **Por que o Oscar ainda tem tanta dificuldade em ser inclusivo?** 2020. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/02/por-que-o-oscar-ainda-tem-tanta-dificuldade-em-ser-inclusivo.html>>. Acesso em: 30 ago. 2020.

SOUZA, Roberta de. **A representatividade negra no cinema**. 2019. Disponível em: <<https://www.anf.org.br/a-representatividade-negra-no-cinema/>>. Acesso em: 31 ago. 2020.